

ENTRE A CASA E A RUA: TENSIONAMENTOS DA PANDEMIA DE COVID-19

BETWEEN HOME AND THE STREET: TENSIONS OF THE COVID-19 PANDEMIC

Caroline Bulhões Nunes VAZ

Doutora em Geografia pela Universidade Federal da Bahia

E-mail: Caroline.bnvaz@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-9335-3942>

RESUMO

Esse artigo reflete sobre a experiência de casa e rua a partir da obra *A poética do espaço* de Gaston Bachelard. Para tal, explora a dialética entre intimidade e vastidão nas cidades, especialmente por meio do tensionamento entre a casa e a rua na pandemia de covid-19, no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: habitar, intimidade e vastidão, experiência urbana

ABSTRACT

This article reflects on the experience of home and street through Gaston Bachelard's work, "The Poetics of Space". Hence, it explores the dialectic between intimacy and vastness in cities, especially through the tension between home and street, during the covid-19 pandemic in Brazil.

KEYWORDS: inhabit, intimacy and vastness, urban experience

INTRODUÇÃO

O início de 2020 foi marcado pela descoberta de um novo vírus que criou um alerta global devido ao seu rápido espalhamento e que ocasionou uma vertiginosa quantidade de casos e internações em diversas partes do mundo em curto período de tempo. O surgimento do SARS-CoV-2, o desconhecimento da sintomatologia e evolução da doença, trouxeram preocupação a diversos países do mundo sobre os impactos que o novo coronavírus e sua infecção causariam à população e à economia. Assim, ainda no início do mesmo ano, diversos países promoveram o fechamento de fronteiras, impuseram *lockdown* à sua população e quarentena a viajantes e doentes com o intuito de frear o avanço da enfermidade nos seus territórios (OMS-PAHO, 2020).

No Brasil, as medidas de distanciamento social foram motivo de grande controvérsia e imbróglgio jurídico, de modo que houve respostas dissonantes à crise por parte de diferentes entes da federação, não havendo uma coordenação nacional de gestão da pandemia que articulasse o enfrentamento à covid-19, o que acabou explicitando os problemas do pacto federativo brasileiro (MELLO-THÉRY; THÉRY, 2020; RODRIGUES; AZEVEDO, 2020; VENTURA; PERRONE-MOISÉS, 2021). A pandemia no país foi centro de uma disputa discursiva entre agentes que eram favoráveis ao distanciamento social e aqueles que eram contrários – por considerar a covid-19 como um surto passageiro e sem relevância. Isso explicitou um embate ideológico sobre a pandemia entre agentes políticos, pesquisadores e agências de mídia (CAMPOS, 2020; CAPONI, 2020; SPINK, 2020). É importante ressaltar ainda que a pandemia de covid-19 evidenciou as contradições e desigualdades sociais nas cidades brasileiras, aprofundando a crise urbana e colocando em xeque a vida urbana moderna (CARLOS, 2020; SIMONI, 2020).

Neste contexto, a pandemia implicou em inúmeras contradições e em novas formas de viver a casa e a rua, entendidas como dois polos da intrincada dialética entre intimidade e vastidão nos termos propostos por Gaston Bachelard (2012) em “A poética do espaço”. É esse movimento pendular entre intimidade e vastidão, interior e exterior, que é motivo de reflexão neste artigo, pois a casa é a imagem privilegiada da intimidade, do interior e, no âmbito da experiência urbana, a rua se torna a imagem da vastidão. Vale ressaltar que, as imagens da casa e da rua não são estáticas, mas fazem parte de um dinâmica em que, na experiência individual, ora pendem para o íntimo, ora para a vastidão.

Assim, a pandemia modifica a relação entre casa e rua já que as medidas de distanciamento social implicam em um deslocamento do tensionamento entre público e privado e, deste modo, da casa (usualmente compreendida no âmbito do privado e da segurança) e da rua (vinculada à aventura e à descoberta) (BACHELARD, 2012; BRITO; SERPA, 2020). Ademais, as medidas sanitárias

consideradas eficientes para barrar o avanço da covid-19 no mundo fizeram mudar as paisagens urbanas. Em vez de imagens de pontos turísticos lotados e movimento cotidiano nas ruas do Brasil e do mundo, a mídia passou a noticiar justamente a restrição de movimentação nas ruas, já que, em muitos países, o desrespeito ao isolamento social e às regras de distanciamento social passou a ser punido por multa e com efeitos jurídicos.

Esse artigo faz parte de reflexões desenvolvidas na tese de doutorado intitulada “Reflexões sobre a rua: tensões entre memória e imaginação em experiências nas ruas soteropolitanas” defendida na Universidade Federal da Bahia (UFBA) em 2022. A tese buscou apresentar diferentes compreensões sobre a rua partindo da pergunta “o que é isso, a rua?” para pessoas com os mais diversos tipos de relação com a rua. Foram realizadas entrevistas virtuais e presenciais com onze pessoas: uma contadora de histórias infantis, uma aposentada, uma pessoa que viveu em situação de rua, uma policial, uma dona de casa, um missionário evangélico, uma empregada doméstica, uma imigrante, uma candomblecista, um porteiro e um artista visual. Foram preservadas as identidades dos entrevistados, com exceção dos artistas, posto que esses compartilharam trabalhos autorais seus aos quais era fundamental dar os devidos créditos. Diante disso, o artigo explora, especificamente o tensionamento entre casa e rua por meio da experiência dos participantes dessa pesquisa de tese, já que a muitos deles se viram impossibilitados de sair às ruas, sendo estas vistas a partir da casa, pela janela, ou pelas notícias de jornal. A pandemia tornou para eles algo ordinário, banal, o acesso à rua, em algo espantoso, excepcional.

Esse cenário favoreceu o exercício de uma articulação entre estrutura e conjuntura evidenciando particularidades das circunstâncias individuais e do conjunto mais amplo da sociedade (ORTEGA Y GASSET, 2010; SARTRE, 2002). Um esforço de articulação da experiência do indivíduo com o mundo foi feito por Sartre em “*A Crítica da razão dialética*”, na qual o autor almeja relacionar aspectos da experiência aos condicionantes da sociabilidade capitalista (SANTOS, 2017). A pandemia, por sua vez, revela sutilezas da dialética entre a casa e a rua, manifestando inúmeras contradições e nuances da forma como as pessoas experenciam as ruas e a cidade.

No intuito de debater a relação entre a casa e a rua no âmbito do alastramento da covid-19, o artigo está estruturado em três seções: a primeira *A cidade e humanidade no contexto da covid-19* dá indícios do impacto da pandemia na vida urbana brasileira e seu potencial de transformação social, pois ocasionou uma interrupção no cotidiano e nos oportuniza a possibilidade de pensar o devir da humanidade; a segunda seção, intitulada *Habitar a rua: de ordinário a excepcional*, evidencia a ruptura ocasionada pelo confinamento que torna a caminhada, elemento constante nas ponderações da humanidade, algo distante e ameaçador. Por fim, a terceira parte do artigo *Entre a casa e a rua: notas sobre*

experiências soteropolitanas sobre a pandemia de covid-19, traz reflexões de habitantes de Salvador sobre o tensionamento entre a casa e a rua na pandemia de covid-19 apontando para os riscos e a imprevisibilidade da ruptura do dia a dia, resultando em novas formas de viver a casa e rua.

A CIDADE E A HUMANIDADE NO CONTEXTO DA COVID-19

A pandemia de covid-19 propiciou um cenário único para reflexão sobre o futuro do capitalismo, da natureza e da própria humanidade, pois pela primeira vez na história, o registro e o acompanhamento dos eventos pode se dar praticamente em tempo real. Deste modo, pululam visões pessimistas e otimistas sobre os impactos da pandemia sobre o futuro da humanidade que ora apontam para o aprofundamento das desigualdades nas cidades, bem como também para a organização e a criação de estratégias de enfrentamento da pandemia baseadas na ajuda mútua e na solidariedade entre as pessoas (AGAMBEN, 2020; MARQUES, 2020; PÁDUA, 2020; SANTOS, 2020; SANTOS, 2021; TAIBO, 2020; ŽIŽEK, 2020).

Santos (2021) evidencia que a pandemia de covid-19 é um marco na história da humanidade que faz surgir um novo século, com potencial de nos levar tanto para um futuro de esperança, em que enfrentamos as múltiplas crises e a possibilidade de colapso que se avizinha, por meio de outras formas de habitar o planeta enquanto sociedade e civilização; quanto para o crepúsculo da humanidade e do planeta como os conhecemos. Este processo implica em repensar o papel da ciência, do Estado e da própria organização da sociedade.

Assim, o autor, em obra lançada em meio a pandemia (SANTOS, 2020), evidencia que temos seis lições a aprender que, por sua vez, são corroboradas por pesquisas e reflexões desenvolvidas por diferentes pesquisadores no Brasil ao longo da pandemia: 1) a mídia e a política têm papel central na percepção de risco e vulnerabilidade aos quais a população está sujeita (SPINK, 2020); 2) a pandemia afeta as pessoas e sociedades de forma desigual, o que pode ser visto pela disponibilização de vacina, testes, tratamentos, medicamentos e pela própria impossibilidade de fazer quarentena por parte da população (HAESBAERT, 2020; RAMOS, 2020; ROXO, 2020); 3) o capitalismo, enquanto modelo social, não tem futuro, por perpetuar as crises ecológica e financeira bem como a desigualdade social (PORTO-GONÇALVES, 2020a); 4) a extrema direita e o hiper-neoliberalismo são desacreditados pela necessidade de medidas estatais de tratamento de doentes, auxílios financeiros ao comércio e para a população (PORTO-GONÇALVES, 2020b; ZANOTELLI; DOTA, 2020); 5) O colonialismo e o patriarcado se reforçam em momentos de crise, como pode ser visto nos impactos desiguais da pandemia aos diferentes países, classes sociais e gêneros (ESTRELA, 2020); 6) a importância do Estado e da comunidade são reasseguradas frente ao mercado, evidenciando-se que o último não tem

condições, *per se*, de sustentar a humanidade e a civilização (PORTO-GONÇALVES, 2020b; ZANOTELLI; DOTA, 2020).

No âmbito do indivíduo, Brito e Serpa (2020) defendem que o corpo permite compreender o vivido e o viver, fundamentando a possibilidade de vida coletiva e urbana, de modo que o corpo é humanização do lugar, haja vista que permite e fundamenta a experiência humana do espaço. Esses autores afirmam que o corpo tensiona três pares dialéticos: o público e o privado; o interior e o exterior; o movimento e o repouso, que se relacionam ao contexto da pandemia por fazerem sobressair as mudanças sofridas pelas pessoas no cotidiano.

Brito e Serpa (2020) ressaltam que, no contexto da covid-19, a dialética público-privado é trasladada para o espaço privado, demandando novas formas de viver a casa e novos meios de negociar e lidar com as diferenças mediados pelo distanciamento. O encontro com outras pessoas implicou na compreensão do corpo como bolha, seguro apenas em casa desde que tomadas as medidas de prevenção ao coronavírus, de modo que se precisou aprender “[...] a existir com menos espaço que no período anterior à eclosão da pandemia”, obrigando a uma retração das conchas de experiências, propostas por Moles e Rhomer, que se ampliam a partir da casa para conquistar o mundo até que se retraem com o advento da velhice e das limitações impostas pela idade e retornam à casa (BRITO; SERPA, 2020, p. 56).

De acordo com Carlos (2020), a pandemia aprofunda elementos da crise urbana, especialmente o minguar da democracia, com o aumento do patrimonialismo devido à falta de clareza dos limites entre público e privado. Além disso, a pandemia subverte o cotidiano da vida urbana levando para casa todas as atividades da vida cotidiana, a residência perde sua característica de nó articulador da vida e dos acontecimentos para se tornar centro da produção e do trabalho, que já não se encontra mais fora da casa.

Segundo a autora, a cidade, com a quarentena, se torna inalcançável e distante, o que favorece uma sobreposição entre as hierarquias social e espacial, em termos de luta de classes e acesso à infraestrutura urbana ratificando a desigualdade social na cidade, haja vista que nem todos têm direitos e condições de fazer quarentena. Trabalhadores informais e algumas outras profissões têm a rua como fundamento da sobrevivência não podendo prescindir de atividades no espaço público (CARLOS, 2020).

Complementando as reflexões de Carlos (2020), Simoni (2020) considera que a pandemia de covid-19 carrega em si as marcas da vida urbana, pois o encontro, as aglomerações e a proximidade são marcas das cidades e da Modernidade. Simoni aponta que a vida urbana se tornou subserviente à acumulação de riquezas, de modo que a cidade se tornou um paradoxo: *locus* da concentração de

riqueza e pobreza, e, enquanto reunião e encontro, favorece também exclusão e segregação socioespacial. Para Simoni (2020) é a própria vida urbana moderna que é posta em questão, potencializando, então, a crise urbana.

Acerca da impossibilidade de fazer quarentena e das desigualdades na cidade, Santana, Marchi e Porciúncula (2020) destacam, no caso soteropolitano que, entre os catadores de resíduos sólidos, 15% das pessoas envolvidas com as atividades foram afastadas do trabalho no início da pandemia e permaneceram afastados por cinco meses ou mais, por fazerem parte do grupo de risco, notadamente por serem idosos. Os autores ressaltam que o afastamento desses trabalhadores implicou em uma queda de 50% nos rendimentos dos cooperados e que as cooperativas passaram a contar com apoio de outras instituições e pessoas físicas para doação de alimentos, material de higiene pessoal e até de recursos financeiros.

Assim, a pandemia no Brasil tem uma certa particularidade devido às especificidades do país. Marcado por desigualdades estruturais que acompanham a trajetória socioeconômica do mundo, nos últimos anos, o país teve uma guinada política que resultou em impactos substantivos na gestão da calamidade pública, pois crenças individuais, questões ideológicas e publicações científicas enviesadas foram utilizados como norte para tomada de decisões relativas ao combate ao covid-19. Esse contexto foi intensificado pela falta de coordenação entre as diversas instâncias do governo que envolveram um significativo imbróglia jurídico com sucessivas publicações oficiais feitas, na sequência tornadas sem efeito e questionadas juridicamente. De mais a mais, isso implicou na demora do início da vacinação no Brasil e na dificuldade da retomada de atividades do cotidiano como aulas presenciais em escolas e universidades, abertura de lojas e nas mais de 700.000 pessoas vitimadas pela covid-19 entre os anos de 2020 e março de 2023 (MELLO-THERY, 2020; VENTURA, PERRONE-MOISÉS E MARTIN-CHENUT, 2021; DATA-SUS, 2023). Esse processo fez com que o Brasil fosse um dos países do mundo com períodos mais longos de escolas fechadas, tornando, de certo modo, a rua um risco e a casa uma prisão.

HABITAR A RUA: DE ALGO ORDINÁRIO A EXCEPCIONAL

Se, por um lado, a pandemia colocou novos condicionantes para a experiência da rua, como elencados acima, por outro, revelou nuances do desafio dessa abstenção. Isto porque, a experiência espacial é essencialmente qualificada por situações e circunstâncias que envolvem o homem reverberando no seu habitar cotidiano do mundo e sua ocupação do entorno (ORTEGA Y GASSET, 2010; MARANDOLA JR., 2014). Mas, não é qualquer ocupação, é uma ocupação norteada e

reverberada pelo corpo, encarnando o espaço na vida humana e implicando em modos de “ser-e-estar-no-mundo” (BRITO, 2012; 2017; DE PAULA, 2017; GRANGE, 1985, SERPA, 2017).

Marandola Jr. (2014), por sua vez, enfatiza o habitar como uma dimensão ontológica da experiência humana na Terra. Para o autor, habitar é fundamento da existência, como modo de ser no mundo. As suas reflexões se baseiam na obra de Saramago (2008) que, investigando a obra heideggeriana, indica uma ênfase nos vínculos entre ser e mundo, no processo de lançar-se e de criação de uma espacialidade fática, marcada pela relação com a espacialidade do ser e do mundo, criando vínculos de proximidade pelas relações criadas e pela ocupação do entorno (MARANDOLA JR., 2020). De certo modo, a pandemia implica na necessidade de criar novas formas de habitar a cidade e a rua, haja vista que, até o surgimento das medidas de distanciamento social, por regra, se é com a rua estando nela.

Gros (2011), fazendo um levantamento sobre a caminhada na Filosofia evidencia que esta atividade se transmutou de marginal para central, estando inicialmente as meditações sobre caminhada associadas à contemplação da natureza e que, com o tempo, a caminhada tornou-se ferramenta metodológica de investigação sobre o mundo e o processo de produção do conhecimento. Tais ideais coadunam com as ideias de Marandola Jr. (2014) acerca do habitar, na medida em que a caminhada permite que a espacialidade humana se expresse revelando o mundo. Assim, pensadores e artistas estiveram intrinsecamente relacionados a este processo tendo produzido parte de sua obra como fruto das caminhadas. Este é o caso de Friedrich Nietzsche, Jean-Jacques Rousseau, Arthur Rimbaud, Henry David Thoreau, Immanuel Kant e André Breton, por exemplo (GROS, 2011).

É com a *flanerie* de Baudelaire – com quem o tema ganha aumento de popularidade – e com as reflexões de Walter Benjamin sobre a obra do poeta que o caminhar invade a cidade como forma de ponderar sobre o mundo e suas transformações, tendo em vista que a obra de Baudelaire é vista por Benjamin (1994) como um dos marcos de pensamento sobre a Modernidade. Desde então, o caminhar tem sido discutido por diversos autores como possibilidade de criticar e transformar as relações das pessoas com a cidade e até como possibilidade de transformação do modo de produção, ainda que seu rebatimento no âmbito da Geografia tenha sido limitado (JACQUES, 2012; PIERCE; LAWHON, 2015).

Jacques (2012) evidencia que a crítica da cidade capitalista pode ser dividida em três fases principais com relação à caminhada na cidade: o *flâneur*, as deambulâncias surrealistas e a deriva dos situacionistas. Na perspectiva da autora, o *flâneur*, as deambulações e a deriva são formas de errâncias urbanas. Em sua ótica, as três estratégias metodológicas de caminhada têm como objetivo atingir novos campos de experiência na cidade a partir do encontro com os desconhecidos, forçando a si mesmo

desvios, desorientação, um perder-se voluntário na cidade, num processo de vertiginosa experiência da cidade e do outro, por vezes provocativo, conflituoso e contraditório.

Seja utilizada como metodologia de pesquisa de forma intencional, seja ela expressão fundante do habitar da cidade, a caminhada possibilita mostrar nuances da relação espacial mais fundamental entre as pessoas e o mundo, pois permite que sejamos parte da cidade porque é na perspectiva da rua que a compreendemos e elaboramos imagens da cidade (LYNCH, 2008). Imagens da vastidão que nos inspira, instiga, amedronta e nos coloca na busca da segurança da imagem da casa, do lar (BACHELARD, 2012).

Em “A Casa e a Rua” (DAMATTA, 1997), DaMatta trata inicialmente da construção de referenciais sociais de orientação no espaço e evidencia que o tempo e o espaço são intrínsecos ao ser humano. A casa e a rua têm limites tênues entre si, já que existem mediações entre as duas esferas, papel desempenhado, por exemplo, pelas janelas. A casa, por um lado, representa “enfim, tudo aquilo que define a nossa ideia de ‘amor’, ‘carinho’ e ‘calor humano’, a rua é um espaço definido precisamente ao inverso. Terra que pertence ao ‘governo’ ou ‘povo’ e que está sempre repleta de fluidez e movimento” (DAMATTA, 1997, p. 52-53). Para o autor, a casa e a rua são instâncias de compreensão da sociedade brasileira e numa perspectiva estrutural, a casa representa a sociedade brasileira a partir dos vínculos sociais familiares, das famílias ricas, importantes e poderosas. Por outro lado, a rua é o seu oposto, é nela onde predomina o impessoal e o exterior. A rua se torna, então, uma metáfora, deslocada de espacialidade.

A pandemia, por sua vez, para uma parcela da população, estilhaça os limites entre o público e privado, entre a casa e a rua, já que, para aqueles que puderam fazer isolamento social, a relação estabelecida rotineiramente com a rua é substituída por um distanciamento forçado que traz para a casa as obrigações e atividades que antes apareciam na esfera da casa de forma pontual (CARLOS, 2020; BRITO; SERPA, 2020). Assim, aquilo que é tido como dado e banal se torna inacessível, extraordinário.

ENTRE A CASA E A RUA: NOTAS SOBRE EXPERIÊNCIAS SOTEROPOLITANAS SOBRE A PANDEMIA DE COVID-19

Bachelard, em “A poética do espaço”, evidencia as nuances da dimensão espacial da experiência entre o íntimo e a vastidão ou, em outros termos, daquilo que constitui os segredos da nossa existência e os desafios que os animam. Longe de considerar íntimo e vasto como contradições irreconciliáveis, o filósofo aponta o trânsito entre ambos na imensidão íntima. Para esse autor, a casa, em toda a sua complexidade, favorece o esmiuçamento das imagens da intimidade, do segredo, daquilo que nós

mesmos somos quando ninguém vê, já que “[...] a casa é nosso canto do mundo. Ela é, como se diz amiúde, o nosso primeiro universo” (BACHELARD, 2012, p. 24) e, mais do que um objeto, as imagens da casa, como lar, evocam e ressoam as imagens da infância, a segurança que “[...] permite sonhar em paz” (BACHELARD, 2012, p. 26).

Dessa forma, a casa, como imagem, extrapola os limites da materialidade e pressupõe uma reverberação das nossas experiências mais íntimas das quais fazem parte, a um só tempo, a memória do que já passou e nossos sonhos, entendidos como o anseio profundo de um futuro, quisto, mas improvável de tornar-se real exatamente como sonhado. A imagem da casa, ainda que contenha seus conflitos internos, implica, a sensação de segurança e proteção para sermos quem somos. Neste sentido, a política de isolamento social, especialmente o *lockdown* aparece como uma instância de segurança de que nós somos senhores da nossa proteção por meio dos cuidados de prevenção da doença, mas além disso, é também uma afirmação da nossa solidariedade e empatia com o outro na medida em que cuidar de nós e nos recolher em casa é também cuidar do outro.

A rua, por sua vez, que aparece na literatura como o *locus* da descoberta, do novo e da peripécia e da aventura, se transmuta na rua da ameaça, do risco incalculável, por causa do risco de adoecer. Assim, as práticas cotidianas são postas bruscamente em suspensão, pois a rua, que complementa a casa na dialética da experiência urbana, se torna proibida indefinidamente, especialmente no início da pandemia.

No entanto, a dialética entre o íntimo e a vastidão não é interrompida, com a pandemia, mas atraída forçadamente a um de seus polos e cria uma tensão de atração pela vastidão ao tempo em que torna a casa de tão íntima, inescapável e sufocante. A dança entre casa e rua no âmbito da experiência individual situa-se justamente nas idas e vindas entre as duas extremidades, na possibilidade de nos alimentarmos de vastidão, imaginação e sonho, mas também de intimidade e segurança.

A dialética entre a casa e a rua se estabelece, portanto no entreaberto humano em que as oposições se complementam mutuamente “o exterior e o interior são ambos íntimos; estão sempre prontos a inverter-se a trocar sua hostilidade. Se há uma superfície-limite entre tal interior e tal exterior, essa superfície é dolorosa dos dois lados”. (BACHELARD, 2012, p. 221). Esse limiar cinzento entre exterior e interior demonstram o movimento entre os polos do qual a experiência humana depende entre a aventura da rua e a segurança da casa.

A pandemia revela que o movimento muito intenso em direção à casa ou à rua cria angústia e ansiedade que antes não estavam conscientemente presentes para a maioria das pessoas. A ausência da casa como porto seguro torna o habitar a rua pesado e indesejado como podemos ver a partir da

experiência de Fernanda¹, mulher negra que viveu em situação de rua e que relata, nos anos que viveu a rua como uma inevitabilidade, uma fatalidade, a impossibilidade do sono tranquilo e da segurança para si e para as pessoas que dela dependem: “[...] para rua, sempre a rua. Eu ficava achando que não tinha mais solução para mim, que minha solução mesmo era morrer na rua, com meus filhos, minhas filhas” e, por outro lado, como a própria mutilação, como se algo lhe faltasse “Porque a rua é o fim do poço, você é uma pessoa que não tem os braços e as pernas, é isso aí. Pessoa que não tem braço, nem perna é uma pessoa aleijada, que mora na rua”. Para Fernanda, a imagem da casa a que se refere Bachelard (2012), está ausente, distante e é justamente a ponta faltosa na dialética porque quando existe é sempre provisório. Refletir sobre o que a rua significou para ela implicou também em um retorno à uma infância em orfanato em que a rua era restrita e era anseio da curiosidade infantil como possibilidade de liberdade:

[...] eu não ia, né? Pros passeios. Mas até então, eu nunca fui para praia, eu nunca fui para o cinema, tanto é que eu fui para o cinema pela primeira vez, eu fiquei parecendo uma taboara assim, porque nunca vi um lugar tão escuro e eu não achei a cadeira para sentar, foi muito hilário nesse dia. Então, não via a rua de jeito nenhum. Eu via pelos buraquinhos, na parede, como um que tinha no quarto, aí a gente subia na cama, um lugar bem alto e ficava olhando a rua.

C: Aí via as pessoas passando?

Fernanda: Isso, eu via umas pessoas passando achando que: “olha, será que vem para cá? Será que vai para onde?” e aí muitas vezes quando o portão abria, assim, a gente saía correndo para pode sentir a rua. Meu Deus, será que não foi muita vontade de ir para rua que eu fui parar na rua? Será?

Para Fernanda a pandemia implicou na possibilidade de desfrutar a sua casa, benefício de um programa habitacional da prefeitura. Na prática, a entrevistada teve a oportunidade de descansar na segurança do lar sem se preocupar com a violência e riscos da rua e, tampouco com o vírus já que o que ela mais queria há muitos anos era ter um lar para morar com seus filhos.

No entanto, esse não foi o contexto de muitas pessoas. João², negro e porteiro em Salvador, não fez nenhum período de *lockdown* em casa, tendo trabalhado todos os dias. Ao mencionar o seu bairro popular, aponta que inicialmente houve um controle por parte da prefeitura e que a vizinhança do bairro de Beiru/Tancredo Neves³ teve uma redução do movimento de pessoas, especialmente nas quatro primeiras semanas, porém, ao reabrir o comércio, todo o fluxo de pessoas voltou ao normal “Mas o que eu vejo lá na rua, as crianças estão o tempo todo lá e nenhuma usa máscara”.

¹ Fernanda foi o pseudônimo escolhido para a Entrevistada 4 da tese de doutorado da qual se origina esse artigo.

² João foi o pseudônimo escolhido para o Entrevistado 10 da tese de doutorado da qual se origina esse artigo.

³ O bairro de Tancredo Neves é um bairro popular, de grande movimentação de pessoas, oriundo do desmembramento do Quilombo do Cabula, fundamental na formação dos núcleos urbanos que foramam “miolo” de Salvador (MARTINS, 2017).

Na dialética entre casa e rua, João explicita que, antes da pandemia, a dinâmica do bairro mudou com o tempo e que a vizinhança que antes era tranquila tornou-se hostil, e estar na rua para desfrutar de tempo livre tornou-se um risco e não uma aventura:

A gente estava lá [na rua] porque sabia que não ia acontecer nada, ficava brincando por isso. Mas hoje o risco é a todo momento, então por isso que você não vê mais. A gente ficava na rua, no tempo de criança para adolescente, até duas e tanta [da madrugada] na rua conversando. Hoje em dia você não pode estar mais esse horário não, Salvador anda assim. Então a gente tem que ficar em casa e quem quiser que fique na rua.

A fala de João mostra que, mesmo antes da pandemia, a violência na cidade já deslocava o movimento entre a casa e a rua em direção à casa como segurança dos mais diversos riscos, especialmente da violência urbana. O medo e a insegurança, sejam eles reais ou imaginados, que tomam conta das pessoas, as impedem de contemplar as pequenas coisas que tornam o cotidiano poético. Acerca disso, Rosana Paulo⁴, contadora de histórias infantis descreve o processo de transformação dos seus hábitos na rua pela sensação de insegurança

quando eu comecei a caminhar para ir trabalhar, eu ia com mais tranquilidade, mas de tanto as pessoas falarem para eu ter cuidado eu comecei a ficar mais, sabe, atenta. E com isso eu perdia um pouco do prazer de caminhar, porque eu sempre estava olhando, né, ao redor se tinha vindo alguém suspeito, esse tipo de coisa que faz com que a gente não relaxe no caminhar. E até que depois de um tempo eu comecei a pegar carona aqui no condomínio, ou então eu pegava carona com meu marido, para ir trabalhar e voltava com os colegas.

Para ela, a rua, em tempos anteriores à pandemia, significava a oportunidade de sociabilidade, do encontro com o diferente, de ver o mundo, de experimentar o que Jane Jacobs (2007), Kuster e Pechman (2014) e tantos outros autores chamam de vida urbana: “Aí eu peguei o ônibus, o ônibus ia pela orla. Quando eu estou passando ali pelo Costa Azul, estou vendo todo mundo, assim, olhando, “é o que?”. É uma baleia. Tinha uma baleia ali no Costa Azul, eu nunca tinha visto uma baleia. Eu peguei e não contei conversa, desci do ônibus e fui ver a baleia, eu vi a baleia”, mas com a pandemia, o que antes era oportunidade de aventura se tornou fastio:

Eu não to gostando de sair, não. Eu prefiro ficar em casa. Agora que não to gostando, porque quando eu saio, né, claro, é um ritual. Para sair, pelo menos para mim, e para voltar. Aí eu tenho que ver se a quantidade de máscaras que eu vou levar vai dar, né, a máscara. Aí pego o celular e enfio em plástico. Aí coloco um torso no cabelo, né, e aí álcool em gel na bolsa, sabe? *Faveshield*, não sei que mais lá, e eu não quero passar muito tempo na rua, vou na rua para resolver alguma coisa. Recentemente eu fiz meu *check-up* médico, porque normalmente eu faço em março, abril, por aí. Só que esse ano eu não fiz, mas eu disse “Bem, agora tá na hora de eu

⁴ Rosana Paulo foi a segunda entrevistada da tese e, por compartilhar trabalhos autorais seus, ela autorizou a divulgação do seu nome.

sair. Eu tenho que sair para fazer os meus exames”. Aí fui, né? Então é tudo muito estranho. Antes quando chegava uma pessoa perto de mim, assim, eu sorria. Hoje, você nem pode porque a máscara tá cobrindo tudo, mas eu não gosto que uma pessoa se aproxime de mim, né? Eu quero que ela fique longe. Então é tudo muito estranho, é tudo muito esquisito. A primeira vez que eu saí na rua a máscara começou a me sufocar, eu achei que estava me sufocando, e eu fiquei bem nervosa, agora eu já tô mais acostumada. Mas eu prefiro ficar em casa, se eu tiver que sair é por um bom motivo

Já para Joana⁵, negra, aposentada, a rua representa a liberdade e, para ela, uma liberdade já limitada, devido às contingências de saúde que vem com a idade. Apesar de ter demonstrado satisfação com as medidas de isolamento social pela necessidade de proteger à sociedade como um todo, as restrições lhe deixam oprimida e lhe impedem de fazer as poucas atividades cotidianas que faz na rua como levar o lixo para fora, exercitar-se na praça próxima de sua casa, por exemplo. Neste sentido, para dona Joana, a pandemia limitou ainda mais sua liberdade: “[a rua é liberdade] porque liberdade é bom. Liberdade é bom. É muito bom você ter liberdade. Porque nós estamos vivendo um momento de opressão. Sabia? É opressão. Nós estamos oprimidos. Ninguém está fazendo exatamente o que quer.” é, como apontam Moreira e Marandola Jr. (2022, p. 7): “É estar no limbo, no entanto, em sua casa. É estar para fora, porém é um eterno voltar-se a si”. É colocar em xeque o que somos, nossa relação com o outro e com a sociedade.

Apesar das ansiedades, riscos e medos, a pandemia também proporcionou novos olhares sobre a cidade, com as ruas vazias em que era possível o atentar-se para detalhes nas ruas. Foi a um só tempo a chance de peripécia, do absurdar-se, do imaginar e do contemplar (BRITO, 2017). Maria ⁶, policial negra, ao voltar do trabalho para casa um certo dia, já não suportava mais a impossibilidade de habitar as ruas da cidade:

Então, não é bem um *tour*, não foi bem um *tour*, foi: saí do trabalho, tudo escuro, ninguém na rua, eu: "porra velho, não tem ninguém aqui, eu vou ali andando para ver se tem alguém ali". Tipo, alguém, é o cara do crepe, eu vou parar distante para ter uma oportunidade de voltar andando. Eu sabia que o cara não estava lá porque era quarentena, *lockdown*, ninguém tá lá vendo porra nenhuma, as faculdades tão fechadas, mas assim, eu só queria ver, né? De estar com alguém, tá, quarentena não tem ninguém e tal e porra, não consigo nem viver o amor, né? Tipo assim: "vamos ver a lua no céu" porque tá tudo acabado. Lógico que eu não aconselho que ninguém faça isso, né? Quarentena ninguém pode sair de casa, mas você passa, não tem ninguém é tipo a oportunidade de roubar, é a oportunidade de driblar a lei: "ah, porra nenhuma vou descer não tem ninguém aqui, 'umbora' ver a lua rapidinho" e aí você vê que: "porra, a maré tá bonita, tem cor, tem brilho" e tem gente ali, né? O polícia que vai falar assim: "oh veí, saí daí, vai para casa, é *lockdown*", mas você percebe que tem uma folha mais verde na árvore que tirou para fazer qualquer coisa, né? Ou para quebrar com vontade. O que me motivou a sair foi a saudade de sair, a necessidade de botar o pé no chão e falar assim: "ui, estou viva...não são quatro rodas, são dois pés", né? E não estou dizendo que eu saí de casa: "hoje, vou furar a quarentena, vou...", não. Eu saí do trabalho, depois de tomar um banho de álcool, sentar no meu carro e falar assim: "veí, eu preciso disso, eu preciso botar o pé no chão,

⁵ Joana foi o pseudônimo escolhido para a Entrevistada 3 da tese de doutorado da qual se origina esse artigo.

⁶ Maria foi o pseudônimo escolhido para a Entrevistada 5 da tese de doutorado da qual se origina esse artigo.

nem que seja numa caminhada de 100 metros". Tipo, botei meu carro ali no Porto [da Barra], caminhei até a balaustrada, depois caminhei até um pouco antes do hospital e voltei, não tinha ninguém, estava deserto, também era bem, tipo, perto da madrugada, sabe? E aí eu: "cara", tipo, eu tive uma oportunidade... sabe quando você lembra do quanto aquela cidade é bonita?

A descrição do cansaço de Maria e do fastio de Joana coadunam com o que Moreira e Marandola Jr. (2022) apontam como experiências nauseantes da pandemia que nos consomem por inteiro e que demandam reinvenção, negociação ou fuga por meio da criação de outras imagens da casa e da rua.

A mudança no tensionamento dialético entre íntimo e vastidão implica no extrapolamento da compreensão da casa como ninho, reduto de intimidade e segurança. Assim, a experiência da casa nauseia-se em uma intimidade inesperada entre vizinhos, com um saber do outro não consentido, não requisitado. Se, em certa medida essa intimidade cumpre o papel do contato humano, em outra perspectiva transforma-se em invasão da casa e, muitas vezes em conflito e disputa com o outro.

Novamente esse tensionamento não é exclusivo da pandemia, mas foi intensificado e tornado explícito para certos setores da sociedade durante a quarentena. João evidencia que os problemas de ruptura dos limites da casa, como ouvir as músicas dos vizinhos, começaram muito antes das medidas de isolamento social: “Mas a partir de quando o álcool já entrou no sangue, já está todo mundo agitado, aí não tem mais respeito não. E aí aumenta o som, e aí as casas como são coladas você escuta até a sua porta tremer”.

Assim, é premente ressaltar a importância das notícias no contexto da pandemia para compreender a dinâmica social em torno da rua, haja vista que a calamidade pública tornou a ocupação ou esvaziamento da rua como um dos elementos centrais para entendermos a adesão da população às medidas de prevenção ao contágio da covid-19. Isso porque a mídia é um dos principais responsáveis pela divulgação de informações e decisões técnicas e científicas para parcelas mais amplas da população, de modo que a porção da população que fez isolamento social tornou-se expectadora das decisões dos governantes em torno da gestão da crise sanitária, em um exercício de empatia e autopreservação e, por outro lado, em choque pelo descumprimento das normas sanitárias por meio das notícias e redes sociais.

A rua, a partir da casa, aparece como ausência, por meio da adequação de atividades religiosas e culturais para o ambiente virtual, demonstrando um esvaziamento da rua como centro de atividades lúdicas e de lazer de determinados grupos. Importantes festas populares como o São João e o 2 de julho tiveram comemorações virtuais, algumas delas patrocinadas por cervejeiras como Ambev (INFOMONEY, 2020). Mas, mesmo em tempos de isolamento social, parte da população descumpriu as regras e fez festas em casas e nas ruas. O Jornal Correio da Bahia noticiou que houve 495 denúncias

de poluição sonora e de festejos nas ruas no dia 23 de junho de 2020, véspera de São João (VILLAR, 2020).

No caso de Salvador, as notícias na pandemia evidenciam a incompletude do projeto moderno, a rua como *locus* do espetáculo nos termos de Guy Debord (2015), haja vista a importância do consumo, das festas e de atividades que, se por um lado permitem que estejamos conectados com a cultura local, por outro mostram o desespero pelo consumo, os desafios e até a impossibilidade do exercício de introspecção (VAZ, 2022). Ab’Sáber (2020), por sua vez, aponta que uma das dificuldades para a realização do isolamento social por parte dos jovens está relacionada à sua inserção num mundo que convida à ação e que, muitas vezes, não abre espaço para o recolhimento e a introspecção, isso associado aos desafios de início da vida sexual e romântica. Além disso, o autor enfatiza que no Brasil o cenário é de apego à “vida como ela é”, aos pequenos prazeres do cotidiano criados pelo mercado, seja em festas, restaurantes ou no consumo de paisagens que, para se validar, precisam ser compartilhados nas redes sociais, reflexo da espetacularização da sociedade e do movimento da tensão entre a casa e a rua na pandemia pendente para a casa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A poética do espaço de Gaston Bachelard provê importante elementos para a entendimento da casa e da rua, pois o autor reflete profundamente sobre a dimensão da casa enquanto imagem de segurança e intimidade, evidenciando caminhos de descrição e compreensão da dimensão espacial da experiência por meio da imagem da casa. Ademais, a obra de Bachelard propõe uma ruptura com a separação entre conceitos como memória e imaginação, interior e exterior, intimidade e vastidão evidenciando a complexidade que interrelaciona e intrinca tais conceitos que, apenas dialeticamente relacionados permitem-nos ter um vislumbre dos fenômenos que se manifestam.

Neste contexto, a dialética entre íntimo e vasto favorece uma ponderação sobre a dimensão espacial da experiência nas cidades considerando a casa como imagem do íntimo e da segurança e a rua como imagem da aventura e do desconhecido. Assim, a casa e a rua ganham sentidos complementares que são moldados pela dialética entre o interior e o exterior, o íntimo e a vastidão que se espelham na forma como habitamos a cidade. Se, pois, por qualquer motivo a dialética é rompida e um dos polos fica prejudicado, a experiência humana torna-se permeada por angústia, em seu turno, vinculada à impossibilidade da segurança do lar (ausência da casa) ou à abstenção do contato com o diferente (ausência da rua).

A pandemia, portanto, funcionou como uma ruptura no dia a dia das pessoas e tornou o que era ordinário, absurdo. Até o advento do isolamento social, o tensionamento entre casa e rua na

experiência humana era dotado de alguma previsibilidade e ordem – ainda que enfrentasse desafios, os riscos eram, de algum modo, previsíveis –, mas a covid-19 esfacela a ordem, e traz a sensação de falta de controle de suas próprias vidas e expectativas e a incerteza no amanhã vinculados ao risco da doença e a impossibilidade de sair de casa devido ao isolamento social implicando em novas formas de viver a casa e a rua.

REFERÊNCIAS

AB'SÁBER, Tales Afonso Muxfeldt. 'No Brasil, diante da ruína iminente, vamos sambar', diz Tales Ab'Sáber. Entrevista à Mônica Manir. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2020/09/07/no-brasil-diante-da-ruina-iminente-vamos-sambar-diz-tales-absaber.htm> Acesso em 07/09/2020.

AGAMBEN, Giorgio. *Reflexões sobre a peste: ensaios em tempos de pandemia*. São Paulo: Boitempo, 2020.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. 2. Ed. 1 reimp. São Paulo: Martins Editora Livraria LTDA, 2012.

BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas III*. Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo. São Paulo: Editora brasiliense, 1994.

BRITO, Marcelo Sousa; SERPA, Angelo. Corpo-lugar e as “conchas do homem”: geografia e arte no cotidiano. In: DOZENA, Alessandro (Org.). *Geografia e Arte*. Natal: Caule de Papiro, 2020, p. 29-60.

BRITO, Marcelo Sousa. *O teatro invadindo a cidade*. 1º Ed. Salvador: EDUFBA, 2012.

BRITO, Marcelo Sousa. *O teatro que corre nas vias*. 1ªEd. Salvador: EDUFBA, 2017.

CAMPOS, Gastão Wagner de Sousa. Pesadelo macabro da covid-19 no Brasil: entre negacionismos e desvarios. *Trabalho, Educação e Saúde*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, 2020, e00279111.

CAPONI, Sandra. covid-19 no Brasil: entre o negacionismo e a razão neoliberal. *Estudos Avançados*, v. 34, p. 209-224, 2020.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. A “revolução” no cotidiano invadido pela pandemia. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (Coord.). *COVID -19 e a crise urbana*. São Paulo: FFLCH/USP, 2020. 3.484Kb; PDF. p. 10-17

CUNHA, M. M. 60% dos imóveis de brasileiros estão irregulares, aponta ministério. **Associação dos Notários e Registradores do Brasil**, maio 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3ff5rc7>. Acesso em: 21 ago. 2020

DAMATTA, Roberto. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Editora Contraponto. fevereiro de 2015.

DE PAULA, Fernanda Cristina. Resiliência encarnada do lugar: vivência do desmonte na Linha (Brasil) e em Mourenx (França). 2017. 157f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

ESTRELA, Fernanda Matheus et al. Pandemia da Covid 19: refletindo as vulnerabilidades a luz do gênero, raça e classe. *Ciência & Saúde Coletiva*. v. 25, n. 9 [Acessado 17 Junho 2021], pp. 3431-3436. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/bbcZzgN6Sns8mNPjKffYRhb/?lang=pt>

ENTRE A CASA E A RUA: TENSIONAMENTOS DA PANDEMIA DE COVID-19. EK23028

GRANGE, Joseph. Place, body and situation. In: SEAMON, David; MUGERAUER, robert (Orgs). *Dwelling, place and environment towards a phenomenology of person and world*. Dordrecht: Martinus Nijhoff Publishers, 1985.

GROS, Frederic. *Caminhar uma filosofia*. São Paulo: É Realizações, 2011.

HAESBAERT, Rogério. Reflexões geográficas em tempos de pandemia. *Espaço e Economia*, nº 18, 2020. Disponível em: <http://journals.openedition.org/espacoeconomia/11826>

INFOMONEY. Portal de notícias. Ambev: “O futuro é o marketing que entretém”, diz Ricardo Dias: Ricardo Dias, VP de marketing da Ambev, falou das estratégias da companhia em tempos de coronavírus. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/negocios/ambev-ricardo-dias-fala-sobre-estrategias-de-marketing-em-tempos-de-coronavirus-em-live-do-infomoney/> Acesso em 02/05/2020

JACOBS, Jane. *Morte e vida das grandes cidades*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

JACQUES, Paola Berenstein. *Elogio aos errantes*. Salvador: EDUFBA, 2012.

KUSTER, Eliana; PECHMAN, Robert. Maldita rua. In: KUSTER, Eliana; PECHMAN, Robert (Orgs). *O chamado da cidade: ensaios sobre a urbanidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

LYNCH, Kevin. *La imagen de la ciudad*. Barcelona: Editorial Gustavo, 2008.

MARANDOLA JR. Eduardo. *Habitar em risco: mobilidade e vulnerabilidade na experiência metropolitana*. São Paulo: Blücher, 2014.

MARANDOLA JR. Eduardo. Ainda é possível falar em experiência urbana? Habitar como situação corpo-mundo. *Caderno Prudentino de Geografia*, v. 2, p. 10-43, 2020.

MARQUES, L. Pandemics, Existential and non-Existential Risks to Humanity. *Ambiente & Sociedade*. São Paulo, v. 23, p. 1-9, 2020.

MARTINS, L. C. A. **História pública do Quilombo do Cabula**: representações de resistências em museu 3D aplicada à mobilização do turismo de base comunitária. Tese de Doutorado. Programa de Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento. Universidade Federal da Bahia, 2018, 312p. em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/25204>. Acesso em: 13 de maio de 2023.

MELLO-THÉRY, Neli Ap. de; THÉRY, Hervé. A geopolítica do covid-19, *Espaço e Economia*, nº 17, 2020. Disponível em: <http://journals.openedition.org/espacoeconomia/11224>.

MOREIRA, Tiago Rodrigues; MARANDOLA JR., Eduardo. As náuseas da casa, habitando-em-rede. *Pós-Limiar*, v. 5, p. 1-11, 2022.

OMS-PAHO. *Histórico da pandemia de covid-19*. <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19> Acesso em 10/06/2021

ORTEGA Y GASSET, José. Eu sou eu e minha circunstância. In: SÁNCHEZ, Juan Escámez. *Ortega y Gasset*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Editora Massangana, 2010, p. 111-119.

PIERCE, Joseph; LAWHON, Mary. Walking as Method: Toward Methodological Forthrightness and Comparability in Urban Geographical Research. *The Professional Geographer*, v.67, n.4, p. 655-662, 201

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. Escassez, economia e meio ambiente: o desserviço de Paulo Guedes. *Espaço e Economia*, nº 18, 2020. Disponível em: <http://journals.openedition.org/espacoeconomia/11669>.

ENTRE A CASA E A RUA: TENSIONAMENTOS DA PANDEMIA DE COVID-19. EK23028

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. De neoliberais e de keynesianos em tempos de Coronavírus. *Espaço e Economia* n° 18, 2020. Disponível em: <http://journals.openedition.org/espacoeconomia/11699>

RODRIGUES, Juliana Nunes Rodrigues; AZEVEDO, Daniel Abreu. Pandemia do Coronavírus e (des)coordenação federativa: evidências de um conflito político-territorial, *Espaço e Economia* n° 18, 2020. Disponível em: <http://journals.openedition.org/espacoeconomia/12282>

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A cruel Pedagogia do Vírus*. Coimbra: Edições Almedina, 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *O futuro começa agora: da pandemia à utopia*. São Paulo: Boitempo, 2021

SANTOS, Vinicius. Vida serial, êxtero-condicionamento e ideologia: uma análise do *mass media* pela ótica de Sartre. *Revista Sísifo*, n° 5, v. 1, 2017.

SARTRE, Jean Paul. *Crítica da razão dialética*. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2002.

SERPA, Angelo. Ser lugar e ser território como experiências do ser-no-mundo: um exercício de existencialismo geográfico. *Geosp*, v.21, p.586-600, 2017

SIMONI, César. A covid-19 e o direito à cidade dos pobres no Brasil. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (Coord.). *COVID -19 e a crise urbana*. São Paulo: FFLCH/USP, 2020. 3.484Kb; PDF. p. 25-34

SPINK. Mary Jane Paris. “Fique em casa”: a gestão de riscos em contextos de incerteza. *Psicologia & Sociedade* v. 32, p. 1-19, 2020.

RAMOS, Tatiana Tramontani. Pandemia é pandemia em qualquer lugar – vivendo a crise da covid-19 de fora dos grandes centros. *Espaço e Economia*, n° 18, 2020. Disponível em: <https://journals.openedition.org/espacoeconomia/11406>

ROXO, Rafael. Biopolítica, guerra híbrida e reestruturação do capitalismo: a globalização como ela é. *Espaço e Economia*, n. 18, 2020. Disponível em: <http://journals.openedition.org/espacoeconomia/13376>

TAIBO, Carlos. **Colapso**: capitalism terminal, transición ecosocial, ecofacismo. 4ª ed, Madri: Catarata, 2020.

VAZ, Caroline Bulhões Nunes. Reflexões sobre rua: tensões entre memória e imaginação em experiências nas ruas soteropolitanas. 679f. 2022. *Tese* (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal da Bahia. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/36080> Acesso em 13/05/2023

VENTURA, Deisy; PERRONE-MOISÉS, Cláudia; MARTIN-CHENUT, Kathia. Pandemia e crimes contra a humanidade: o "caráter desumano" da gestão da catástrofe sanitária no Brasil. *Rev. Direito e Práxis*, v. 12, n. 3, p. 2206-2257, 2021.

VILLAR, Marcela. É barulheira! Noite de São João bate recorde de denúncias de poluição sonora. *Jornal Correio*. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/e-barulheira-noite-de-sao-joao> Acesso em 25 de junho de 2020

ZANOTELLI, Claudio Luiz; DOTA, Ednelson Mariano. A questão da desigualdade territorial municipal no Espírito Santo face à pandemia do coronavirus e a importância da existência de um Estado de bem estar social em defesa da sociedade. *Espaço e Economia*, n° 17, 2020. Disponível em: <http://journals.openedition.org/espacoeconomia/10207>;

ŽIŽEK, Slavoj. *Pandemia: covid-19 e a reinvenção do comunismo*. São Paulo: Boitempo, 2020



VAZ, Caroline Bulhões Nunes. ENTRE A CASA E A RUA: TENSIONAMENTOS DA PANDEMIA DE COVID-19. *Kalagatos*, Fortaleza, vol.20, n.2, 2023, eK23028, p. 01-17.

Recebido: 05/2023

Aprovado: 06/2023